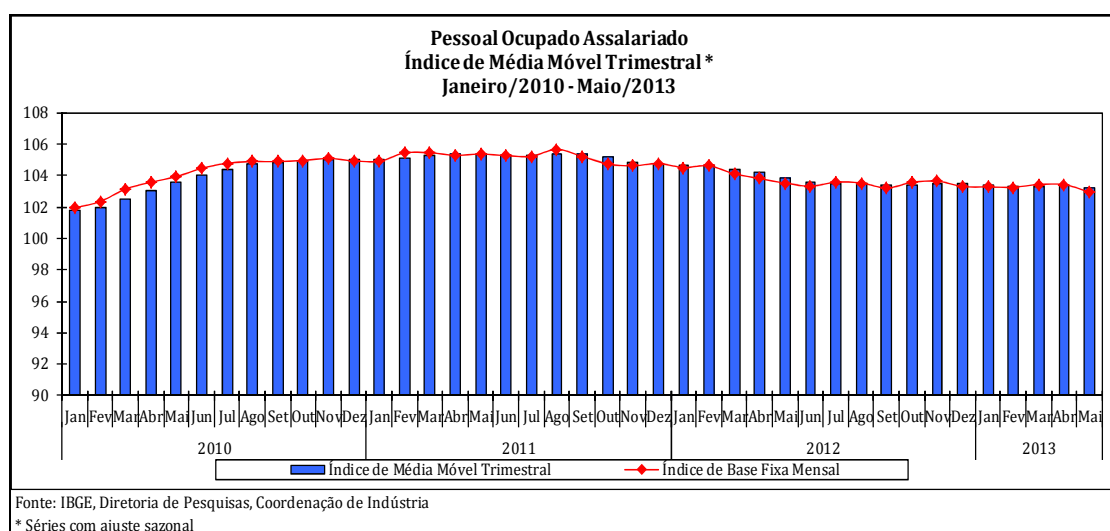


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em maio de 2013, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,5% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após ficar praticamente estável nos últimos meses. Vale citar que esse recuo foi o mais intenso desde dezembro de 2009 (-0,6%). Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral assinalou variação negativa de 0,1% no trimestre encerrado em maio frente ao nível do mês anterior e permaneceu com o comportamento de estabilidade presente desde julho do ano passado.



O emprego industrial mostrou queda de 0,7% no índice mensal de maio de 2013, vigésimo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e ligeiramente mais intenso que o observado no mês anterior (-0,5%). No índice acumulado para os cinco primeiros meses de 2013, o total do pessoal ocupado na indústria recuou 0,8% e apontou ligeira redução no ritmo de queda frente ao registrado no primeiro trimestre de 2013 (-1,0%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,3% em maio de 2013, assinalou marcas próximas das registradas em dezembro (-1,4%), janeiro (-1,4%), fevereiro (-1,5%), março (-1,4%) e abril (-1,4%).

No confronto com igual mês do ano passado, o emprego industrial recuou 0,7% em maio de 2013, com o contingente de trabalhadores apontando

redução em dez dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado na Região Nordeste (-3,2%), pressionado em grande parte pelas taxas negativas em treze dos dezoito setores investigados, com destaque para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de calçados e couro (-5,2%), alimentos e bebidas (-2,0%), minerais não-metálicos (-6,0%), refino de petróleo e produção de álcool (-11,1%), produtos têxteis (-5,3%), máquinas e equipamentos (-9,0%), vestuário (-2,3%) e indústrias extrativas (-6,6%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por São Paulo (-0,7%), Rio Grande do Sul (-1,9%), Bahia (-4,5%) e Pernambuco (-5,3%), com o primeiro influenciado principalmente pelas quedas verificadas nos setores de máquinas e equipamentos (-5,0%), outros produtos da indústria de transformação (-8,8%), calçados e couro (-11,1%), meios de transporte (-2,7%) e produtos têxteis (-3,3%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de calçados e couro (-9,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-21,6%), máquinas e equipamentos (-3,9%), vestuário (-13,8%) e produtos têxteis (-11,2%); o terceiro por conta das perdas registradas em calçados e couro (-20,1%), máquinas e equipamentos (-17,3%) e minerais não-metálicos (-11,8%); e alimentos e bebidas (-5,5%) e borracha e plástico (-24,4%), no último. Por outro lado, Região Norte e Centro-Oeste (1,4%) e Santa Catarina (1,2%) apontaram as contribuições positivas mais relevantes sobre o emprego industrial do país, impulsionados, em grande parte, pelos setores de alimentos e bebidas (6,5%) e de produtos de metal (10,0%), no primeiro local, e de borracha e plástico (8,7%), máquinas e equipamentos (4,2%) e produtos de metal (4,2%), no segundo.

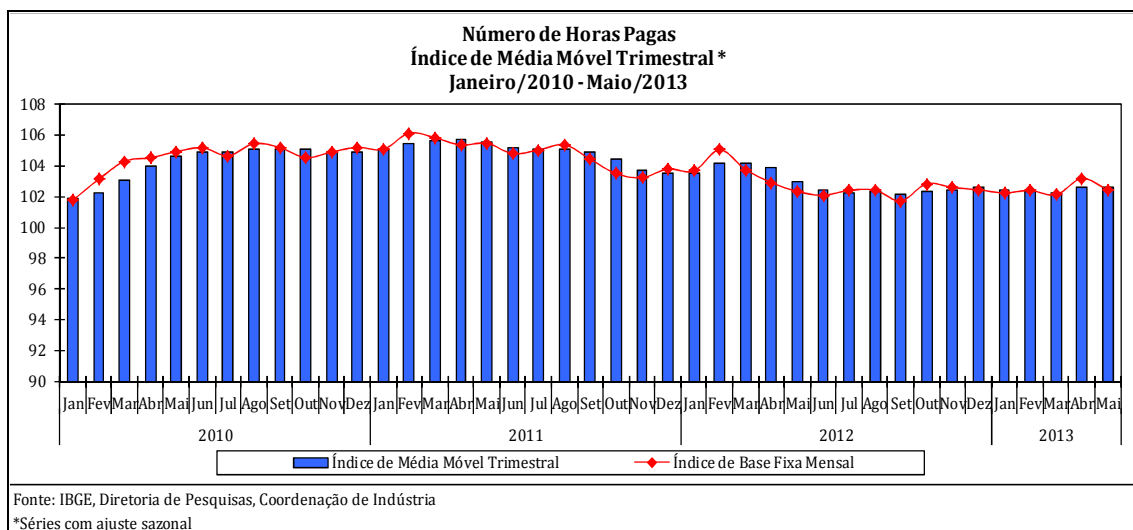
Setorialmente, ainda no índice mensal, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em nove dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de calçados e couro (-6,5%), máquinas e equipamentos (-3,3%), outros produtos da indústria de transformação (-4,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,5%), vestuário (-2,5%) e minerais não-metálicos (-2,2%). Por outro lado, os principais impactos positivos sobre a média da indústria foram observados

nos setores de alimentos e bebidas (2,4%), borracha e plástico (2,7%), meios de transporte (0,7%) e produtos químicos (1,1%).

No índice acumulado do período janeiro-maio de 2013, o emprego industrial mostrou queda de 0,8%, com taxas negativas em dez dos quatorze locais e em doze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Região Nordeste (-4,4%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-2,5%), Pernambuco (-8,1%), São Paulo (-0,5%), Bahia (-4,7%) e Espírito Santo (-4,0%). Por outro lado, Paraná (1,2%) e Santa Catarina (0,9%) exerceram as pressões positivas mais importantes no acumulado dos cinco primeiros meses do ano. Setorialmente, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de vestuário (-5,0%), calçados e couro (-5,5%), outros produtos da indústria de transformação (-4,3%), produtos têxteis (-4,1%), máquinas e equipamentos (-1,7%) e madeira (-5,2%), enquanto os setores de alimentos e bebidas (1,9%) e de borracha e plástica (2,9%) responderam pelas principais influências positivas.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em maio de 2013, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, recuou 0,7% frente ao mês imediatamente anterior, após registrar variação negativa de 0,3% em março e avançar 1,0% em abril. Vale destacar que o resultado negativo desse mês foi o mais intenso desde abril de 2012 (-0,8%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral repetiu em maio (0,0%) o patamar do mês anterior, após apontar variação positiva de 0,3% em abril último.



No confronto maio de 2013 / maio de 2012, o número de horas pagas mostrou variação negativa de 0,1%, após avançar 0,2% em abril, quando interrompeu uma sequência de dezenove meses de taxas negativas consecutivas nesse tipo de confronto. O indicador acumulado nos cinco primeiros meses de 2013 assinalou recuo de 1,0%, ritmo de queda menos intenso que o verificado no primeiro trimestre do ano (-1,7%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,6% em maio de 2013, mostrou resultado negativo menos acentuado do que os registrados em março (-2,0%) e abril (-1,8%).

Em maio de 2013, o número de horas pagas apontou variação negativa de 0,1% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em oito dos quatorze locais e em oito dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de calçados e couro (-9,4%), outros produtos da indústria de transformação (-4,8%), vestuário (-3,3%), máquinas e equipamentos (-2,5%) e produtos têxteis (-3,2%). Em sentido contrário, o setor de alimentos e bebidas (4,5%) assinalou o principal impacto positivo nesse mês, seguido por meios de transporte (2,2%) e borracha e plástico (2,3%).

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, Região Nordeste (-3,6%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país, pressionada em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de calçados e couro (-7,0%), minerais não-metálicos

(-5,9%), alimentos e bebidas (-1,5%), indústrias extrativas (-9,2%) e máquinas e equipamentos (-11,3%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-2,6%), por conta das quedas vindas de calçados e couro (-12,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-13,5%), máquinas e equipamentos (-4,2%) e vestuário (-18,1%); Bahia (-6,3%), devido, sobretudo, à retração verificada em calçados e couro (-19,4%), minerais não-metálicos (-15,6%) e máquinas e equipamentos (-18,5%); Espírito Santo (-5,5%), explicado, especialmente, pelo recuo nas atividades de máquinas e equipamentos (-18,2%) e vestuário (-16,8%); e Pernambuco (-3,8%), em função, principalmente, do recuo observado em borracha e plástico (-28,4%) e alimentos e bebidas (-2,8%). Por outro lado, São Paulo (0,9%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas, impulsionado em grande parte pela expansão verificada nos setores de alimentos e bebidas (11,4%), borracha e plástico (4,6%) e vestuário (4,8%). Outras influências positivas relevantes foram assinaladas por Santa Catarina (1,9%), por conta dos avanços vindos de borracha e plástico (10,2%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (11,9%) e máquinas e equipamentos (4,7%); e Região Norte e Centro-Oeste (1,3%), em função, principalmente, do aumento registrado em alimentos e bebidas (5,2%), produtos de metal (7,5%) e refino de petróleo e produção de álcool (6,9%).

No índice acumulado de janeiro a maio de 2013 houve recuo de 1,0% no número de horas pagas, com onze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de calçados e couro (-7,8%), vestuário (-5,8%), outros produtos da indústria de transformação (-5,1%), produtos têxteis (-4,7%), máquinas e equipamentos (-2,6%) e madeira (-6,0%). Em sentido oposto, alimentos e bebidas (2,3%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria.

Em nível regional, ainda no índice acumulado no ano, dez dos quatorze locais apresentaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,3%

registrado pela Região Nordeste, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-3,4%), Pernambuco (-7,3%), Bahia (-5,2%) e São Paulo (-0,3%). Em contrapartida, Paraná (0,5%) e Santa Catarina (0,3%) assinalaram as influências positivas mais relevantes sobre o total da indústria.

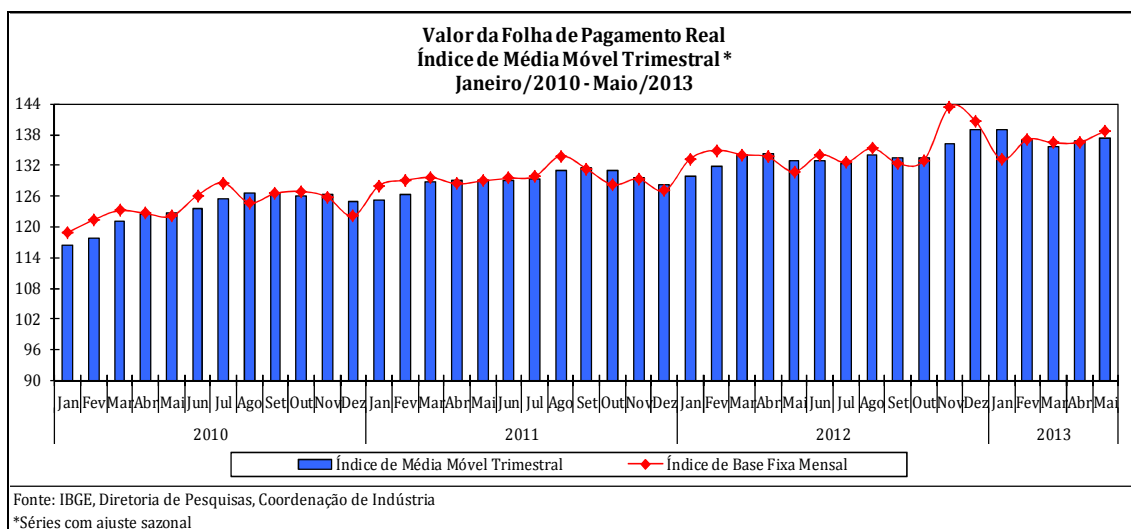
Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria, em maio de 2013, mostraram comportamento de menor intensidade na comparação com o mês imediatamente anterior, já que o emprego industrial apontou o primeiro resultado negativo desde dezembro último, e o número de horas pagas assinalou o recuo mais intenso desde abril do ano passado (-0,8%). Ainda na série com ajuste sazonal, a evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse momento de menor intensidade do mercado de trabalho na indústria, já que nesse indicador as duas variáveis estão praticamente estáveis nos últimos meses.

Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial e o número de horas pagas na indústria assinalaram em maio de 2013 taxas negativas nesse tipo de confronto, com o primeiro apontando o vigésimo recuo consecutivo, e o segundo voltando a cair após interromper em abril último dezenove meses de taxas negativas seguidas. O indicador acumulado para os cinco primeiros meses do ano prosseguiu em queda nas duas variáveis e manteve o perfil disseminado de taxas negativas entre os locais e os setores investigados.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em maio de 2013, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente apontou expansão de 1,7%, após registrar ligeira variação positiva (0,1%) em abril último. Vale destacar que no resultado desse mês observa-se a clara influência da expansão de 29,4% assinalada pelo setor extrativo, impulsionado sobretudo pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, já que a indústria de transformação apontou crescimento mais moderado (0,3%). Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral

assinalou variação de 0,4% na passagem dos trimestres encerrados em abril e maio e mostrou o segundo mês seguido de taxa positiva, acumulando nesse período avanço de 1,2%.



No confronto com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 5,8% em maio de 2013, quadragésima-primeira taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação. No índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2013, o valor da folha de pagamento real na indústria avançou 2,8% e mostrou ganho de ritmo frente ao índice do primeiro trimestre de 2013 (1,9%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 3,9% em maio de 2013, apontou ligeiro aumento na intensidade do crescimento frente ao resultado de abril (3,6%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou expansão de 5,8% em maio de 2013, com resultados positivos em doze dos quatorze locais investigados. A maior influência positiva sobre o total nacional foi verificada em São Paulo (5,9%), impulsionada pelo aumento no valor da folha de pagamento real em onze das dezoito atividades investigadas, com destaque para meios de transporte (9,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (18,0%), máquinas e equipamentos (5,1%), refino de petróleo e produção de álcool (25,2%), alimentos e bebidas (5,4%) e produtos químicos (4,3%). Vale mencionar também os impactos positivos assinalados por Rio de Janeiro

(20,5%), Região Norte e Centro-Oeste (7,1%), Região Nordeste (4,5%), Santa Catarina (5,2%) e Bahia (11,0%). Nestes locais, as atividades que mais contribuíram positivamente para o aumento do valor da folha de pagamento real foram, respectivamente, indústrias extrativas (71,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (83,7%), ambas influenciadas pelo pagamento de participação nos lucros e nos resultados; alimentos e bebidas (8,9%), indústrias extrativas (25,8%) e meios de transporte (12,1%); indústrias extrativas (30,6%), refino de petróleo e produção de álcool (38,9%) e meios de transporte (8,4%); máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (17,6%), borracha e plástico (13,7%) e alimentos e bebidas (6,0%); e indústrias extrativas (61,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (87,6%), ambas influenciadas pelo pagamento de participação nos lucros e nos resultados, e meios de transporte (21,0%). Em sentido contrário, as contribuições negativas vieram de Espírito Santo (-6,9%) e Pernambuco (-3,6%), pressionadas, em grande parte, pelas reduções em máquinas e equipamentos (-33,7%) e metalurgia básica (-10,3%), no setor industrial do Espírito Santo, e alimentos e bebidas (-3,0%), borracha e plástico (-16,9%) e minerais não-metálicos (-7,3%), na indústria pernambucana.

Setorialmente, ainda no índice mensal de maio de 2013, o valor da folha de pagamento real no total do país cresceu em treze dos dezoito ramos investigados, com destaque para indústrias extrativas (34,0%), meios de transporte (8,5%), alimentos e bebidas (5,2%), refino de petróleo e produção de álcool (24,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (10,3%), máquinas e equipamentos (2,5%) e produtos químicos (3,6%). Por outro lado, os principais impactos negativos foram observados em calçados e couro (-3,8%) e metalurgia básica (-1,2%).

No índice acumulado nos cinco primeiros meses de 2013, o valor da folha de pagamento real avançou 2,8%, com taxas positivas em doze dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição positiva sobre o total da indústria veio de São Paulo (2,6%), vindo a seguir as influências registradas por Rio de Janeiro (7,3%), Região Norte e Centro-Oeste (5,1%),

Minas Gerais (1,9%), Rio Grande do Sul (2,4%) e Paraná (2,6%). Em sentido contrário, os impactos negativos foram observados por Pernambuco (-3,7%) e Espírito Santo (-1,5%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em treze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (4,6%), indústrias extrativas (10,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,6%), produtos químicos (5,1%), meios de transporte (2,0%), refino de petróleo e produção de álcool (7,6%), borracha e plástico (3,6%) e máquinas e equipamentos (1,4%). Por outro lado, os setores de metalurgia básica (-3,1%) e de vestuário (-3,3%) exerceram as influências negativas mais relevantes sobre o total nacional.